

SAIR DO PALÁCIO E BOTAR O BONÉ

Havia um rei, conta José Saramago em **A Ilha**, muito visitado pelos seus súditos no palácio. Uma porta bem freqüentada era a *Porta dos Parabéns*: lá o rei tinha o seu trono e muita gente vinha congratular-se com ele. Tinha também a *Porta das Petições*, diante da qual esperavam os súditos mais necessitados. Ela ficava perto da cozinha e eram as cozinheiras que, em geral, atendiam, sob a orientação de subgerentes, subministros e ministros. (Nenhuma semelhança com o *Programa Fome Zero*.) Multidões chegavam lá, acampavam em massa. E o atendimento era quase sempre um prato de comida. Acontece que, certo dia, chegou na Porta das Petições um cidadão, dizendo:

— Meu pedido é um pedido particular, que farei só ao rei.

As cozinheiras informaram: “*Encarregadas somos nós, diga*”.

— Só ao rei.

As funcionárias pouco insistiram, porque sacaram — “*esse cara é determinado*” —, de modo que consultaram fiscais, que chamaram subgerentes, que apelaram para subministros, que se armaram com as normas dos ministérios da área — esse auxiliar, aquele técnico do quarto, terceiro, segundo, primeiro escalão, secretária pessoal, ministro mesmo. E nada adiantou todos se rebo-larem por vez, debatendo-se pelos corredores do palácio, frente à mesma palavra mantida — “*Só ao rei*”. De modo que todo o setor da Porta de Petições decorou o recado, passou e repassou o pedido, e se deu por vencido:

— Esse cidadão é muito determinado e só vai se entender com o rei.

(Nota do CEAS aos leitores e leitoras: repassar essa palavra de ordem a leitores e leitoras com função ou vocação assistenciais a eleitores e eleitoras, e aos mais possíveis ouvintes acampados nas portas de quaisquer Petições de urgência — filas dos postos de saúde, cadastramento para emprego, terra, casa, escola etc.)

E essa foi a palavra que ao fim acabaram levando ao rei: *“Tem na Porta das Petições um cidadão muito determinado que diz ter um pedido particular que fará só ao rei”*.

Para espanto de todo seu ministério social, o rei mandou logo trazer o homem. Não foi simples boa vontade do rei. É que, entre as idas e vindas do corpo administrativo pelos corredores, despachos e gabinetes, dentro do palácio crescia nas últimas semanas a multidão aglomerada do lado de fora. Tanto assim que sonhos e pesadelos povoaram as últimas noites do rei. Pois é, ouvia-se agora o mesmo zunzum da rua, quando, na frente do ministério, o rei perguntou ao homem trazido a sua presença:

— Qual é seu pedido?

— O meu pedido é um barco para ir até a *Ilha Desconhecida*, que é muito rica.

— E onde fica essa Ilha?

— Majestade, se eu soubesse onde fica essa Ilha, ela não seria mais Desconhecida.

No silêncio que seguiu, o burburinho virou rumor do povo à espera. O rei teve que pensar rápido. E falou:

— Faremos uma reunião — com a assessoria do Conselho — junto à *Porta das Decisões*.

Só o rei entrava por essa Porta e só no dia da posse, sendo a mesma logo depois entupida a ferro e cimento, segundo as normas palacianas. Incrível Saramago: na mesma hora viu o povo todo na torrente, se concentrando, de novo, como no dia da posse, junto à tal Porta, feita parede, muro. Assim, o pedido particular daquele cidadão determinado bulia com o povo. O rei pediu o parecer do Conselho, que falou pelo seu relator:

— Consultamos o ministro das Relações Exteriores e os seus geógrafos, sendo a resposta: *“Hoje não tem mais esse tipo de Ilhas”*.

Mas, no meio do povo, já estava solta a conversa: *“Tem. Como não teria?”*. E engrossava o clamor as cozinheiras e outros funcionários indo e vindo entre povo e palácio: — *“Bem que a gente disse que este cidadão é determinado e sabe das coisas”*. Outros ao lado: — *“Bem que meu bisavô falou para meu pai e este para mim”*. Muitos: *“Sonhei, sonhamos”* — e em coro — *“Tem a Ilha, sim!”*. Alguém gritava viva. Vozes diziam *“saíam”*. Todos, porém, calaram, quando o rei falou:

— Sonhei que as duas Portas laterais — Parabéns e Petições — eram fechadas a concreto e ferro armado, para ninguém mais vir me adular nem se humilhar. E, sobre esta Porta das Decisões, li as palavras que o sonho escrevia: *“Se não saís de Ti, não chegas a saber quem és”*.

E o rei saiu na mesma hora do palácio para o meio do povo. E a maioria dos necessitados e bastantes dos remediados foram construir o barco para navegar até a Ilha Desconhecida.

Neste segundo semestre do governo PT, Lula saiu do “palácio”? Certo é que ele e seu ministério atenderam nas duas Portas habituais: a dos Parabéns, escancarada ao privilégio de minorias como a dos bancos; a das Petições, aberta ao cadastramento dos pobres. Chamado nas últimas semanas pelo clamor popular do campo e da cidade, o governo se aproximou da Porta fechada das Decisões (ou das decisões fechadas).

Num momento desta aproximação, Lula, digo o rei, botou na cabeça o boné dos sem terra. Especula-se se esse gesto fez, ou refez, ou contrafez, a cabeça do metalúrgico presidente. Em todo caso, o povo vinha já antes e vem sempre mais mudando de porta; até querendo mudar de rumo. Desconhecida é, mas sem saber muito bem nem dizer nem perguntar onde fica, boa parte do povo teima e treina: não resta senão darmos os primeiros passos rumo à Ilha Desconhecida. Nas últimas semanas, grandes grupos se concentraram — alguns entraram — no Congresso das Decisões. Decide o palácio sobre reformas — sendo consultados poucos conselheiros. Milhões acampam e marcham, marcham e reacampam, entre a terra sonhada e as BRs, entre os terrenos baldios e os prédios abandonados, mas murados de segurança até armada, porque parecem ter dono. O povo passa em correnteza para as Portas das Decisões: aos sem terra hoje já se juntaram os sem teto, os sem emprego e os sem aposentadoria de funcionário médio, com seus R\$ 2 mil ameaçados (que dão para viver com dignidade?).

Ou seja, na Porta das Petições — do prato de comida, do simples cadastramento para emprego (de gari), para atendimento hospitalar (só ficha), para as escolas (sem qualidade) — o povo vai ficando. As majorias já duvidam, (questionam?) a Porta do Programa Fome Zero, do Primeiro Emprego (virtual), da Assistência às Cidades. Já tem quem peça para ministros, gerentes e a criadagem em geral, dessa área social, o desemprego (político). Esmola não é mais indústria, nem mesmo eleitoreira, pelo menos fácil... Vamos a caminho da Ilha?

Claro, os tais primeiros passos do povão, de porta a porta e em rumo novo (?), estão aparecendo confusos. Mas eles mostram determinação. *Confusão* (chamada crise) x *determinação* — é traço maior da conjuntura entre-portas. Atenção: da Porta dos Parabéns chegam privilegiadas caravanas para fazer de murmúrios e gritos a música para a programada baderna. Identifiquemos DNAs, tão bem misturados nas telinhas de TV. Dudas Mendonças trabalham espetáculos como o do boné — porque este não foi o único. Um dos maiores foi anunciado pelo rei, digo, por Lula, sob pressão dos produtores: “*Espetáculo do crescimento*”. Tão puramente espetacular (virtual) que, logo depois, o super-gerente Dirceu avisou que o crescimento real será adiado para 2005. Real para a burguesia (e para quem entrar na distribuição do bolo, sempre esperado às portas da caridade). No espetáculo diário da Globo, estas minorias acompanham a queda dos juros: 0,5%, 1,5% (sinais virtuais, espetaculares). Controlam, assim, os habituais freqüentadores da Porta dos Parabéns a barreira — Porta das Decisões. Propriamente nem eles negam a existência da Ilha de todos ricos: basta a eles conter — dois anos de arrumação da casa — os determinados.

O espetáculo deleita confundindo, confunde deleitando: nem só de pão vive o gênero humano, senão também da espera(nça). Se a fome tem tanta pressa, a decisão precisando de muita calma — argumentam os privilegiados parabenizados de sempre —, os famintos voltem para a sua porta.

Ora, se o povo todo vai conhecendo e dando os primeiros passos, abrindo outro caminho, é por causa dos determinados. Teimam estes em sair do rumo. Vacinam-se, em primeiro lugar, frente ao espetáculo. O rei bota o boné dos sem terra: é um espetáculo para seis milhões de famílias que lutam, em marchas da lona preta, ao palácio. Um espetáculo — melhor, primeiro capítulo dessa telenovela. O seguinte: “Lula e os fazendeiros em clima de paz” — na grande festa de confraternização, fotos e estímulo ao agronegócio de exportação.

Muitas famílias sem terra grudam-se só ao primeiro capítulo. São menos as que botam um e outro na balança: no confronto entre o boné na cabeça e o bolão nos bancos, frustram-se muitos — estes com o PT, aqueles com as leis do palácio (liberdade, justiça e igualdade, só nessa ordem, e negociadas prioritariamente com a turma da Porta dos Parabéns). Tem os que saem da prova “determinados”.

Sua majestade não se engana, bem assessorado como está. Duzentas mil famílias acampadas, homem, mulher e criança sob a lona preta, com ou sem

reis e rainhas, são MSTs na luta pra valer. Os funcionários públicos estão em greve que engrossa, sua senhoria botando ou não o boné da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Os metalúrgicos da Força Sindical não vão perder sua data-base para cobrar pelo menos perdas salariais. Os sem teto ficam forçados a ocupar praças, prédios e terrenos baldios, porque, com 80 dólares de salário mínimo (que a maioria nem ganha), não pagam aluguel senão tirando-o da boca de mulher e filhos.

Senhoras e senhores do palácio, os 53 milhões de votos visitam a Praça dos Três, Quatro ou Cinco Poderes. Têm suas senhorias, segundo pesquisas, 65% de aprovação. Parabéns, com a percentagem de adulação e humilhação do vosso povo que gira em torno da vossa porta. Nota 10 aos espetáculos, porque, de ilusão, também — mas não só — vai-se vivendo. Mas só isso não se sustenta. O plano das Portas A e B esgotado, botem na rua o plano decisivo, plurianual, para já, porque estamos em assembléia. E somos dos determinados.

CADERNOS DO CEAS